

## Tadeusz Różewicz: fazer poesia depois de Oświęcim<sup>37</sup>

---

### *Tadeusz Różewicz: Writing Poetry after Oświęcim*

Marcelo Paiva de Souza\*  
Universidade Federal do Paraná - UFPR

239

---

“Pensar a poesia polonesa omitindo Różewicz não é pensar” (ŚLIWIŃSKI, 2012, p. 157). O juízo é de um destacado estudioso das letras da Polônia - e presta-se bem, acredito, para desde logo dar ideia da estatura do autor dos versos mais adiante apresentados em tradução.

A assertiva parecerá talvez demasiado bombástica para que se possa tomá-la por justa? Pois acrescento de minha parte que ela ainda diz pouco. Primeiro, porque se impõe afirmar outro tanto no que respeita a Różewicz como dramaturgo:

---

<sup>37</sup> Aproximadamente, o nome Tadeusz Różewicz se pronuncia “Tadêuch Rujévitch”. Oświęcim, por sua vez, “Ochviéntchim”.

\* Doutor em Ciência da Literatura pela Uniwersytet Jagielloński, de Cracóvia, Polônia.

deixando de lado suas realizações nesse domínio, não há como pensar o teatro polonês de meados do século XX até o presente. E uma segunda questão deve ser especialmente sublinhada aqui. Marcos fundamentais no mapa da cultura de seu país, a dramaturgia e a lírica rózewiczianas têm uma relevância que de modo algum se deixa medir apenas em escala nacional.

Ela só, a circulação das obras do escritor pelo mundo demonstra-o de sobejo. Em vista da fortuna cênica de suas peças para além dos palcos poloneses, da gama de línguas estrangeiras para as quais seus versos já foram traduzidos<sup>38</sup>, o que se verifica é que Rózewicz passou a constituir uma das referências-chave para uma visão de conjunto da poesia e do teatro que se desenvolvem a partir do pós-guerra. Mas que o tira-teimas decisivo fique sob a alçada dos próprios textos do autor, rente a suas feições e efeitos como singulares artefatos de linguagem.

A seguir, submete-se à prova da leitura uma pequenina amostra da fecunda seara poética rózewicziana em versões de minha lavra para o português. A escolha dos quatro poemas traduzidos procedeu a um corte ao longo de quase toda a extensão temporal da produção do escritor<sup>39</sup>. “Rzeź chłopców” (“O massacre dos meninos”) veio a lume pela primeira vez em livro em *Pięć poematów (Cinco poemas)*, obra publicada em 1950. “Kazimierz Przerwa-Tetmajer” é dado à estampa em *Regio*, em 1969, e “Widziałem cudowne monstrum” (“Eu vi um monstro maravilhoso”, em *Poezje zebrane (Poesia reunida)*, em 1976. “Złoto” (“Ouro”), por fim, é a segunda parte do tríptico “recycling”, que integra o volume *Zawsze fragment. Recycling*

<sup>38</sup> No português do Brasil, inclusive, já se contam umas poucas iniciativas de tradução da poesia rózewicziana. Versões de alguns poemas do autor - assinadas por diferentes tradutores - estão coligidas em Henryk Siewierski e Marcelo Paiva de Souza, “A moderna poesia da Polônia” (2008, p. 42-49). Para uma apresentação panorâmica da vida e da obra do escritor (em inglês), ver Janusz R. Kowalczyk, (2013).

<sup>39</sup> Rigorosamente falando, Rózewicz (1921-2014) estreia como poeta na clandestinidade, ainda durante a Segunda Guerra, sob o pseudônimo Sático, com o volume *Echa leśne (Ecos da floresta)*, em 1944. Para a crítica e a historiografia literária polonesas, porém, a obra que de fato assinala o início da trajetória criativa rózewicziana é a coletânea de versos *Niepokój (Inquietude)*, de 1947.

(*Sempre fragmento. Recycling*), de 1999<sup>40</sup>. Como se há de ver, cada um dos textos aborda, de um ângulo distinto, e em modulações muito diversas, o trauma histórico da *Shoah*. Sem ignorar a cronologia, a ordem em que estão dispostos procura antes sugerir um percurso de sentido, uma sequência de achegas lírico-reflexivas em torno de um obsediante motivo comum.

Em um de seus escritos em prosa - “Do źródół” (“Rumo às fontes”) (RÓŻEWICZ, 2004, p. 143), datado de 1965 - Różewicz conta sobre um poema jamais concluído no qual trabalhava nos idos de 1945 e que tinha por tema a reconstrução da antiga Basílica de Santa Maria em Cracóvia. *Embora a igreja houvesse sobrevivido intacta à guerra*, sua existência objetiva não bastava para lhe garantir realidade. A imponente edificação gótica para a qual o poeta olhava não era mais uma igreja, nem um monumento arquitetônico; só restara ali uma imensa pilha de escombros, devastação e ruína. O autor prossegue:

Naquela época moravam em meu interior como que duas pessoas. Em uma delas havia admiração e respeito pelas “belas”-artes, pela música, a literatura, a poesia - na outra, desconfiança de todas as artes. O campo em que se travava a luta entre essas pessoas era minha prática poética. Eu estava repleto de um devoto assombro perante as obras de arte (a experiência estética tomara o lugar da experiência religiosa), mas ao mesmo tempo crescia dentro de mim o desprezo por todos os valores estéticos (RÓŻEWICZ, 2004, p. 143-144).

O sentimento de repulsa prevalece e Różewicz renuncia ao “belo”, dá as costas “com desdém para as fontes estéticas”, asseverando: “A fonte da criação - pensei - só pode ser a ética” (RÓŻEWICZ, 2004, p. 144)<sup>41</sup>.

---

<sup>40</sup> As edições de que me servi foram as seguintes: para “Rzeź chłopców”, Różewicz (1950, p. 12); para “Kazimierz Przerwa-Tetmajer” e “Widziałem cudowne monstrum”, Różewicz (1983, p. 89-90; p. 132-133); para “Złoto”, Różewicz (1999, p. 96-105).

<sup>41</sup> As citações seguintes provêm da mesma página.

Contudo, a experiência da guerra e da ocupação cobra um preço alto, a vida nua e a morte sob as engrenagens totalitárias não se deixam esquecer. O que se afigura a princípio a trilha rumo a um novo nascedouro leva então a um novo impasse, já que as fontes da estética e da ética foram igualmente conspurcadas: “lavou as mãos nelas o assassino”. Nessas condições, nesse desamparo e nessa (des)esperança, o sobrevivente Tadeusz Różewicz achou-se às voltas com a tarefa de tentar reconstruir, tijolo a tijolo, o que lhe “parecia mais importante para a vida e para a vida da poesia”.

Em nosso desamparo e nossa (des)esperança, em meio a outras ruínas, voltemos o olhar para o que suas mãos obraram.

## Kazimierz Przerwa-Tetmajer

18 stycznia 1940 roku  
w okupowanej przez hitlerowców  
Warszawie  
znaleziono na ulicy  
bezdonnego nędzarza  
umarł nie odzyskawszy  
przytomności

ale na to trzeba czekać  
cierpliwie i długo  
potwory pogrążone są jeszcze  
w śnie  
w mózgu

ta kropla krwi  
pulsująca  
w tajemniczym wnętrzu  
przyszłości  
tkanka  
która ulegnie degeneracji

München 1899

Kazimierz Przerwa-Tetmajer  
ogląda w Nowej Pinakotece  
„Wyspę Umarłych”  
ludzie odpływają jak mgły  
z łąki na jezioro Idą odpocząć  
jeszcze rok  
potem zacznie się XX wiek

urodzi się syn  
pierworodny  
oprawca

nowotwór

ale na to trzeba jeszcze czekać

znaleziony  
w roku 1940  
nieznany głodomór  
deklamował w malignie  
mamrotął

„na miękkim puchu białego postania  
promienna cała od słońca pozłoty  
Danae Zeusa spragniona pieśczoty  
z oston swe ciało dziewicze odstania”

1967-1968

## Kazimierz Przerwa-Tetmajer<sup>42</sup>

18 de janeiro de 1940  
na Varsóvia  
ocupada pelas tropas de Hitler  
foi encontrado na rua  
um miserável sem teto  
morreu sem recobrar  
a consciência

mas para tanto é preciso esperar  
longa, pacientemente  
os monstros ainda estão submersos  
no sono  
no cérebro

essa gota de sangue  
pulsando  
no âmago misterioso  
do futuro  
tecido  
que sucumbirá à degeneração

Munique 1899

Kazimierz Przerwa-Tetmajer  
observa na Nova Pinacoteca  
*A ilha dos mortos*  
as pessoas se vão como névoa  
do campo rumo ao lago Vão descansar  
um ano ainda  
então terá início o século XX

nascerá o filho  
primogênito  
o carrasco

---

<sup>42</sup> Pronuncia-se, aproximadamente, “Cajímiech Pchérva-Tétmaier”. Poeta, dramaturgo e prosador polonês, Tetmajer (1865-1940) foi figura de proa entre os literatos da Jovem Polônia (1891-1918). Proclamando o valor da arte como um derradeiro refúgio diante da efemeridade da existência humana e da vileza de um mundo de filistinos, seus versos deram expressão emblemática às tendências decadentistas do período.

o tumor

mas para tanto ainda é preciso esperar

encontrado  
em 1940  
um faminto desconhecido  
declamava em febre  
balbuciava

“na seda do leito, lânguida, esguia,  
ouro e sol, tez ardente e radiosa,  
Dânae, do abraço de Zeus desejosa,  
o corpo impoluto inteiro exhibia”<sup>43</sup>

1967-1968

---

<sup>43</sup> Estrofe inicial do soneto “Danae Tycjana” (“A Dânae de Ticiano”), texto que Przerwa-Tetmajer incluiu no volume *Poezje. Seria trzecia (Poesia. Série III)*, publicado em 1898.

## Widziałem cudowne monstrum

Umarły żywy  
ciągle rodzi  
złoto

W sezonie ogórkowym  
na łamach prasy kolorowej  
obok węża morskiego  
wyłania się  
Pablo Picasso

Monstrum  
z prehistorii  
sztuki

żył żerował żartował  
w brzuchu świata  
na jarmarkach

Przed ćwierć wiekiem  
pokazał się w Krakowie  
na ulicy Karmelickiej  
w samo południe

najpierw łysa wielka głowa  
w głowie czarne płonące oczy  
na grzbiecie miał serdak góralski  
w ręce ciupagę

otoczyli go przechodnie  
gapie którzy się gromadzą  
dokoła miejsca katastrofy  
albo przy budce z piwem

z jego pociemniałych w słońcu  
rąk wyleciał biały gołąb  
niewiarygodnie czysty  
przeźroczysty

sztukmistrz

żył w wielu domach zamkach  
otoczony zmarłymi żywymi żonami  
reprodukował produkował dzieci obrazy  
sto  
dwieście  
trzysta  
milion dolarów  
w Pyskowicach i Gliwicach  
malarze pokojowi zaczęli  
malować mieszkania w pikasy  
zamiast „nie bądź taki tycjan”  
mówiono „nie bądź taki pikaso”

Potem przyszła wiadomość  
że zmarł że toczą się toczą  
jakiś procesy spadkowe  
umarty poruszył się  
ze ścian prywatnych galerii  
salonów sztuki muzeów banków  
kaplic osypują się obrazy

rosną w cenę

On brzemienny  
nekropol sztuki  
róża wiatrów  
rodzi złote dukaty  
uśmiecha się do mnie  
ironicznie i ginie  
za rogiem ulicy w kosmosie

a ja młodszy od siebie  
o dwadzieścia siedem lat  
idę  
na ulicę Krupniczą  
po drodze kupuję  
herbatę cukier  
bułki i serdelki

w domu czeka na mnie  
zadanie:  
Stworzyć poezję po Oświęcimiu.

## Eu vi um monstro maravilhoso

Morto vivo  
incessante mina  
de ouro

Na baixa temporada  
nas colunas da imprensa a cores  
ao lado de uma serpente marinha  
salta à vista  
Pablo Picasso

Um monstro  
da pré-história  
da arte

viveu se empanturrou se riu  
no ventre do mundo  
nas feiras

Há um quarto de século  
apareceu em Cracóvia  
na Rua Karmelicka  
em pleno meio-dia

primeiro a grande cabeça calva  
na cabeça os olhos negros chamejantes  
nas costas tinha uma jaqueta montanhesa  
na mão uma machadinha

foi rodeado por transeuntes  
xeretas que se juntam  
no local de uma catástrofe  
ou junto a uma barraca de cerveja

das mãos escurecidas pelo sol  
Picasso tirou uma pomba branca  
incrivelmente clara  
transparente

o mestre

morou em muitas casas castelos  
rodeado de esposas mortas vivas  
reproduzindo produzindo filhos quadros  
cem  
duzentos  
trezentos  
um milhão de dólares  
em Pyskowice e Gliwice  
pintores de parede começaram  
a pintar residências *à la* Picasso  
em vez de “isso está muito Ticiano”  
se passou a dizer “isso está muito Picasso”

Depois chegou a notícia  
de que morreu de que se arrastam  
uns processos relativos ao espólio  
o morto se mexeu  
das paredes das galerias particulares  
salões de arte museus bancos  
capelas se derramam quadros

os preços aumentam

Ele grávida  
necrópole da arte  
rosa dos ventos  
mina de ducados de ouro  
sorri para mim  
ironicamente e some  
na esquina de alguma rua do cosmos

e eu mais jovem  
vinte e sete anos  
sigo  
para a Rua Krupnicza  
no caminho compro  
chá açúcar  
pão e salsicha

em casa me aguarda  
uma tarefa:  
Fazer poesia depois de Oświęcim.

## Z ł o t o

*Aurea prima sata est aetas (...)*

złoty był wiek pierwszy  
mijały wieki  
nastał wiek XX

mija wiek XX  
ma się pod koniec  
chrześcijańskiemu światu  
dziwne znaki  
pojawily się na niebie i ziemi

dziwne znaki pojawiły się  
na sztabach złota  
w sejfach Riksbanku  
centralnego banku Szwecji  
złoto zaczęło płakać  
krwawymi łzami  
by ukryć ten fakt  
Riksbank prosił  
centralny bank szwajcarski  
o usuwanie ze sztab złota  
niemieckich znaków  
identyfikacyjnych  
i zastępowanie ich  
pieczęciami szwedzkimi

złoto zaczęło mówić  
w Banku Rezerw Federalnych  
w Banku Anglii w Londynie  
w Nowym Jorku  
Paryżu w Banque de France  
w Madrycie i Lizbonie  
złote milczenie zalegało  
w stolicach Europy i obu Ameryk  
potem zaczęło się topić  
przemówiły  
złote cegły złote sztaby  
złote sztabki

złote monety  
złoto „wyprane” w Europie i Ameryce  
pokrywa się plamami  
krwawi  
kasy pancerne  
są zamknięte jak komory gazowe  
ale słychać zgrzytanie zębów  
stłumione krzyki  
z sejfów wydobywa się  
duszny zapach padliny  
sączy się trupi jad  
krew  
złoto „wyprane” w Szwajcarii  
rozkłada się i gnije  
w aseptycznej Szwecji

zawiera w sobie złote zęby  
złote koronki złote pierścienie  
z diamentowymi oczami  
oprawki do okularów włosy  
wieczne pióra oddechy  
banki odkrywają  
swoje tajemne łona  
banki świątynie złotego cielca  
monumentalne goldszajsery  
wydalają  
nieczystości

w klepsydrach  
przesypuje się złoty piasek

Rzecznik prasowy  
Stolicy Apostolskiej  
Joaquin Navarro-Valls  
nie potwierdził podanych  
przez amerykańską sieć  
telewizyjną A-and-E  
informacji  
o przechowywaniu przez Watykan  
200 milionów franków szwajcarskich  
głównie w złotych monetach  
zrabowanych przez faszystów  
chorwackich w czasie drugiej  
wojny światowej

faszyści chorwaccy którzy  
mordowali „masowo”  
Serbów Żydów i Cyganów  
pod koniec wojny wywieźli  
z Jugosławii około 350 milionów  
franków szwajcarskich  
Brytyjczycy zdobili przechwycić  
około 150 milionów franków  
szwajcarskich zaś reszta  
trafiła do Watykanu skąd  
następnie jak sugerowały  
pogłoski została przetransferowana  
do Hiszpanii i Argentyny

*long poems*

„Newsweek”: *Nazi-Gold*

*auch in Portugal*

*das lange Gedicht*

do sporu wokół pieniędzy

ofiar Holocaustu

włączył się Izrael

nie po raz pierwszy

żydowskie organizacje straszą

szwajcarskie banki

a może

Holocaustu nie było

coraz częściej czyta się o tym  
w postnazistowskich niemieckich gazetach  
w gazetach amerykańskich  
w polskojęzycznych gazetach „narodowych”  
czyta się przedruki z obcojęzycznych  
gazet że Holocaustu nie było

coraz częściej czyta się na murach  
naszych miast napisy po polsku  
„żydzi do gazu” i po niemiecku „*Juden raus*”  
to lekkomyślni młodzieńcy  
to źle wychowani chłopcy dzieci  
rysują gwiazdę dawida  
powieszoną na szubienicy

*das lange Gedicht*

mój przyjaciel Kazimierz Wyka

pisal ku pamięci potomnych  
w czasie hitlerowskiej okupacji  
„Formy, jakimi Niemcy likwidowali Żydów,  
spadają na ich sumienie.  
Reakcja na te formy  
spada jednak na nasze sumienie.  
Złoty ząb wydarty trupowi  
zawsze będzie krwawił,  
choćby już nikt nie pamiętał  
jego pochodzenia (...)”

sztaby złota rozmiękły  
wiersz się wydłuża rozpada  
*Schlimmer Verdacht*  
*die Schweiz hat möglicherweise*  
*unmittelbar nach dem 2. Weltkrieg*  
*wissentlich Goldmünzen*  
*aus Gold von Zahnfüllungen*  
*von Holocaust Opfern geprägt (...)*  
*so der britische TV-Sender BBC*  
ale Holocaustu przecież nie było

mój przyjaciel  
profesor Kazimierz Wyka  
musiał słyszeć w Generalnej Guberni  
takie żartobliwe powiedzonko  
„Hitlererek złoty nauczył żydów roboty”  
Kazimierz Wyka jeden ze sprawiedliwych  
napisał książkę *Gospodarka wyłączone. Życie na niby*  
nie wiem czy ta książka  
należy do obowiązkowych lektur  
w polskich szkołach  
nie wiem jak długo trzeba czekać  
aż panowie (i panie) z Ministerstwa Edukacji  
Narodowej  
wciagną ten tytuł na listę  
lektur obowiązkowych  
(a może nie czytali tej książki  
nie słyszeli o niej)  
Kazimierz Wyka nie sadił drzewek w Ziemi Świętej  
sztabki i sztaby złota  
szczerzą zęby czaszki milczą  
oczodoły mówią  
dyrektor ŚKŻ Elan Steinberg

utrzymuje że wśród sztab złota  
monetarnego znajdują się sztaby  
przetopione z biżuterii monet  
a nawet złotych zębów ofiar Holocaustu  
nie przedstawiono jednak na to  
konkretnych dowodów  
zresztą być może zaszła omyłka  
spadkobierca sadowniczej rodziny  
Bertramów spod Wyszkowa twierdził  
że jego dziadek miał znaczne depozyty  
w bankach szwajcarskich  
ale Holocaustu może nie było  
zaraz po wojnie  
pojawił się u nas poszukiwacze złota  
„uzbrojeni” w łopaty kilofy  
miski sita  
szukali złotych żył  
złotego piasku  
złotych zębów  
w złotodajnych Oświęcimiach  
Majdankach Treblinkach  
szukali w popiołach  
we wnętrzościach naszej  
wspólnej matki ziemi  
szukali złota złota złota

ale Holocaustu przecież nie było

wymyślili go żydowscy  
lichwiarze bankierzy i komuniści  
przyłączyli się do nich cyganie  
Madonny płaczą krwawymi łzami  
tylko Madonna cygańska nie płacze  
złote jest milczenie świata  
w Ziemi Świętej sprawiedliwi  
sadzą drzewka zieleni się  
Święty Gaj młody las  
drzewa rosną do światła  
święty las poruszył się  
idzie na spotkanie  
z młodzieżą świata  
narody skrzętnie przeliczają  
swoich zabitych zamordowanych  
zagazowanych okaleczonych

żywcem pogrzebanych powieszonych  
dodają odejmują  
mnożą dzielą ważą  
ale Holocaustu przecież nie było

nikt już nie pamięta  
ile waży jedna tza ludzka  
cena też spada na giełdzie  
na rynkach panuje panika  
złoto idzie w górę złoto spada  
kto mówi o łzie dziecka  
a to ten Dostojewski

filozof Heidegger  
pisząc o współczesnej zmechanizowanej  
produkcji rolnej  
mimochodem wspomniął  
o produkcji zwłok  
w obozach koncentracyjnych  
i komorach gazowych

odbywa się liczenie  
żydów cyganów niemców  
ukraińców polaków rosjan  
czasem rachunek się nie zgadza  
popioły wymieszane z ziemią  
zaczynają powstawać przeciw sobie  
za sprawą żywych  
dzielą się i biją

porcelanowe Madonny płaczą  
krwawymi łzami  
żydowskie arabskie algierskie  
matki bez głów  
idą przed siebie krzycząc  
cygańska Madonna Rafaela  
nie płacze nie mówi do mnie  
piękna łaski pełna

żywy las sprawiedliwych  
podchodzi  
pod świątynie złotego cielca  
pod banki i kamienieje

z sejfów i skrytek  
z pancernych kas  
sączy się trupi jad  
czyste jak łza złoto  
zamienia się w padlinę  
szczyrzy zęby  
i znów zaczyna się liczenie

*long poems*

w sejfach Riksbanku Szwecji  
nadal znajduje się  
około siedem ton złota zrabowanego  
przez hitlerowskie Niemcy  
którym Trzecia Rzesza zapłaciła  
Szwecji za dostawy rudy żelaza  
łożyska kulkowe  
i inne materiały strategiczne  
ale Holocaustu przecież nie było  
przedstawiciele Riksbanku oświadczają  
że „brudnego” złota w Szwecji  
dawno już nie ma  
w roku 1946 zwrócono 7 ton  
złota Belgii  
a w 1954 roku 6 ton Holandii  
w II wojnie światowej Szwecja  
była neutralna  
a Holocaustu raczej nie było

złote było milczenie świata

*das lange Gedicht*

PS.

jaki to długi wiersz!  
i tak się dłuży dłuży czy to „mistrza” nie nudzi  
czy nie można tego zmieścić  
w japońskim haiku? Nie można.

## Ouro

*Aurea prima sata est aetas (...)*

primeiro foi a idade de ouro  
foram passando os séculos  
veio o século XX

vai passando o século XX  
está perto do fim  
perante o mundo cristão  
estranhos sinais  
surgiram no céu e na terra

estranhos sinais surgiram  
nas barras de ouro  
nos cofres do Riksbank  
o banco central da Suécia  
o ouro começou a chorar  
lágrimas de sangue  
para esconder o fato  
o Riksbank pediu  
ao banco central suíço  
que removesse das barras de ouro  
os sinais de identificação  
alemães  
e que os substituísse  
por insígnias suecas

o ouro começou a falar  
no Banco das Reservas Federais  
no Banco da Inglaterra em Londres  
em Nova Iorque  
Paris no Banque de France  
em Madri e Lisboa  
um silêncio de ouro tomou  
as capitais da Europa e de ambas as Américas  
depois começou a derreter  
desandaram a falar  
tijolos lingotes de ouro  
barras de ouro  
moedas de ouro

o ouro “lavado” na Europa e na América  
se cobre de manchas  
sangra  
caixas-fortes  
são herméticas como câmaras de gás  
mas se ouve o ranger de dentes  
os gritos sufocados  
exala dos cofres  
um cheiro asfixiante de carniça  
escorre um veneno cadavérico  
sangue  
o ouro “lavado” na Suíça  
se decompõe e apodrece  
na asséptica Suécia

guarda dentro de si dentes de ouro  
coroas de ouro anéis de ouro  
com pedras de diamante  
armações de óculos cabelos  
canetas-tinteiro respirações  
os bancos revelam  
os segredos em seu seio  
os bancos templos do bezerro de ouro  
Goldscheissers<sup>44</sup> monumentais  
expelem  
as impurezas

em ampulhetas  
escoa uma areia de ouro

O porta-voz  
da Santa Sé  
Joaquin Navarro-Valls  
não confirmou as informações  
divulgadas  
pela rede de televisão  
americana *A-and-E*  
de que o Vaticano guardou  
200 milhões de francos suíços  
sobretudo em moedas de ouro  
pilhadas por fascistas

---

<sup>44</sup> No texto polonês “goldszajser” (decalque do alemão): caga-ouro.

croatas durante a segunda  
guerra mundial  
fascistas croatas que  
assassinaram “em massa”  
sérvios judeus e ciganos  
levaram da Iugoslávia no fim  
da guerra cerca de 350 milhões  
de francos suíços  
os britânicos conseguiram se apoderar  
de cerca de 150 milhões de francos  
suíços mas o resto  
foi parar no Vaticano de onde  
em seguida conforme sugeriram  
rumores foi transferido  
para a Espanha e a Argentina

*long poems*

*Newsweek: Nazi-Gold  
auch in Portugal  
das lange Gedicht*<sup>45</sup>

na controvérsia em torno do dinheiro  
das vítimas do Holocausto  
interveio Israel  
não pela primeira vez  
organizações judaicas atemorizam  
os bancos suíços  
e quem sabe  
o Holocausto não existiu

cada vez mais se lê sobre isso  
em jornais alemães pós-nazistas  
em jornais americanos  
nos jornais da imprensa “nacional” se leem  
reimpressas em polonês matérias de jornais estrangeiros  
afirmando que o Holocausto não existiu

cada vez mais se pode ler nos muros  
de nossas cidades inscrições em polonês  
“żydzi do gazu”<sup>46</sup> e em “alemão “*Juden raus*”<sup>47</sup>

---

<sup>45</sup> poemas longos/ *Newsweek*: ouro nazista/ também em Portugal/ o poema longo.

<sup>46</sup> Judeus para o gás.

<sup>47</sup> Fora, judeus.

são jovens levianos  
garotos mal educados crianças  
que desenham a estrela de Davi  
pendurada na força

*das lange Gedicht*

com o país ocupado pelas tropas de Hitler  
meu amigo Kazimierz Wyka  
escreveu para a memória dos pósteros  
“As formas como os alemães liquidaram os judeus  
pesam na consciência deles.  
A reação a essas formas  
pesa porém em nossa consciência.  
Um dente de ouro arrancado de um cadáver  
vai sangrar sempre,  
mesmo que já ninguém se recorde  
de sua proveniência (...)”

as barras de ouro derreteram  
o poema se alonga se desintegra  
*Schlimmer Verdacht*  
*die Schweiz hat möglicherweise*  
*unmittelbar nach dem 2. Weltkrieg*  
*wissentlich Goldmünzen*  
*aus Gold von Zahnfüllungen*  
*von Holocaust Opfern geprägt (...)*  
*so der britische TV-Sender BBC*<sup>48</sup>  
mas afinal o Holocaustu não existiu

meu amigo  
o professor Kazimierz Wyka  
deve ter escutado no Governo Geral<sup>49</sup>  
um dito jocoso  
“Hitlerzinho tesouro ensinou aos judeus uma lição de ouro”  
Kazimierz Wyka um dos justos

---

<sup>48</sup> Grave suspeita/ logo após a 2ª Guerra mundial/ de caso pensado a Suíça/ possivelmente cunhou moedas/ com ouro de obturações dentárias/ de vítimas do Holocausto (...)/ segundo a emissora de TV britânica BBC

<sup>49</sup> *Generalna Gubernia*, em pol. (em alemão, por extenso, *das Generalgouvernement für die besetzten polnischen Gebiete*). O termo designou a unidade administrativo-territorial que abrangia as terras polonesas ocupadas pela Alemanha de Hitler, excetuados aqueles territórios que foram sem mais anexados ao III Reich.

escreveu “A economia excluída”. *Vida de fachada*<sup>50</sup>  
não sei se esse livro  
consta das leituras obrigatórias  
nas escolas polonesas  
não sei quanto tempo será preciso esperar  
até que os senhores (e senhoras) do Ministério da Educação  
Nacional  
incluam esse título na lista  
das leituras obrigatórias  
(mas talvez não tenham lido o livro  
nem ouvido sobre ele)  
Kazimierz Wyka não plantou árvores na Terra Santa  
barras e lingotes de ouro  
arreganham os dentes os crânios silenciam  
as cavidades dos olhos falam  
o presidente do CJM<sup>51</sup> Elan Steinberg  
afirma que entre as barras de ouro  
monetário se encontram barras  
fundidas a partir de jóias moedas  
e até dentes de ouro de vítimas do Holocausto  
não foram apresentadas no entanto  
provas concretas disso  
aliás talvez tenha havido um engano  
um herdeiro da família de fruticultores  
Bertram de Wyszaków declarou  
que seu avô tinha depósitos significativos  
em bancos suíços  
mas o Holocausto quem sabe não existiu  
logo depois da guerra  
surgiram pelo país levas de garimpeiros  
“armados” de pás picaretas  
bacias peneiras  
em busca de veios de ouro  
areia de ouro  
dentes de ouro  
nas auríferas Oświęcims  
Majdaneks Treblinkas  
revolvendo as cinzas

---

<sup>50</sup> “Gospodarka wyłączona” (“A economia excluída”) é um dos capítulos de *Życie na niby (Vida de fachada)*, livro vindo a lume em 1957, no qual Kazimierz Wyka reuniu escritos de memórias e reflexões surgidos entre 1939 e 1945, sob a ocupação nazista.

<sup>51</sup> Congresso Judaico Mundial; no original ŚKŻ (Światowy Kongres Żydów).

as entranhas de nossa  
mesma mãe terra  
em busca de ouro ouro ouro

mas afinal o Holocausto não existiu

foi invenção de usurários  
banqueiros e comunistas judeus  
juntaram-se a eles os ciganos  
Madonas choram lágrimas de sangue  
só a Madona cigana não chora  
o silêncio do mundo é de ouro  
na Terra Santa os justos  
plantam árvores verdeja  
o Bosque Sagrado a jovem floresta  
as árvores crescem rumo à luz  
o bosque sagrado se moveu  
vai ao encontro  
da juventude do mundo  
as nações contam diligentemente  
seus mortos assassinados  
asfixiados em câmaras de gás mutilados  
enterrados vivos enforcados  
somam diminuem  
multiplicam dividem pesam  
mas afinal o Holocausto não existiu

ninguém mais se recorda  
quanto pesa uma lágrima humana  
cai na bolsa o preço das lágrimas  
reina o pânico nos mercados  
o ouro sobe o ouro cai  
quem fala da lágrima de uma criança  
ah é esse Dostoiévski

o filósofo Heidegger  
escrevendo sobre a produção agrícola  
moderna mecanizada  
se referiu de passagem  
à produção de cadáveres  
nos campos de concentração  
e câmaras de gás

é feita a contagem

de judeus ciganos alemães  
ucranianos poloneses russos  
às vezes a conta não bate  
as cinzas misturadas com a terra  
se levantam umas contra as outras  
por causa dos vivos  
se dividem e lutam

Madonas de porcelana choram  
lágrimas de sangue  
mães judias árabes argelinas  
sem cabeça  
avançam gritando  
a Madona cigana de Rafael  
não chora não fala comigo  
bela cheia de graça

o bosque vivo dos justos  
se aproxima  
dos templos do bezerro de ouro  
dos bancos e se petrifica

dos cofres e esconderijos  
das caixas-fortes  
escorre um veneno cadavérico  
puro como uma lágrima o ouro  
se transforma em carniça  
arreganha os dentes  
e de novo começa a contagem

*long poems*

nos cofres do Riksbank da Suécia  
ainda se encontram  
cerca de sete toneladas de ouro pilhado  
pela Alemanha de Hitler  
com as quais o Terceiro Reich pagou  
a Suécia pelo fornecimento de minério de ferro  
rolamentos  
e outros materiais estratégicos  
mas afinal o Holocausto não existiu  
representantes do Riksbank declaram  
que “ouro sujo” na Suécia  
há muito já não existe  
em 1946 foram devolvidas 7 toneladas

de ouro à Bélgica  
e em 1954 6 toneladas à Holanda  
na II guerra mundial a Suécia  
foi neutra  
mas o Holocausto na verdade não existiu

o silêncio do mundo era de ouro

*das lange Gedicht*

P.S.:

que poema longo, “mestre”!  
e não termina não termina o senhor não se amofina  
isso tudo talvez não coubesse  
em um haikai japonês? Não.

## Rzeź chłopców

Dzieci wołały: "Mamusiu!  
ja przecież byłem grzeczny!  
Ciemno! Ciemno!"

Widzicie ich Idą na dno  
Widzicie małe stopy  
poszli na dno Czy widzicie  
ten ślad  
drobne nóżki tu i tam

W kieszeniach pełno  
sznurków i kamyków  
i małe koniki z drutu

Wielka równina zamknięta  
jak figura geometryczna  
i drzewo z czarnego dymu  
pionowe  
martwe drzewo  
bez gwiazdy w koronie.

Muzeum - Oświęcim, 1948

## O massacre dos meninos

As crianças gritavam: “Mamãe!  
mas eu fui bonzinho!  
Está escuro! Está escuro!”

Conseguem ver Vão para o fundo  
Estão vendo as pequenas pegadas  
foram para o fundo Estão vendo  
essa marca  
miúdos pezinhos aqui e ali

Os bolsos cheios  
de barbantes e pedrinhas  
e pequenos cavalinhos de arame

A grande planície fechada  
como uma figura geométrica  
e uma árvore de fumaça negra  
uma árvore morta  
vertical  
sem estrela na ponta.

Museu - Oświęcim, 1948

## Referências

- KOWALCZYK, Janusz R. Tadeusz Różewicz. *Culture-pl*, jul. 2013. Disponível em: <<https://culture.pl/en/artist/tadeusz-rozewicz>>. Acesso em: 10 mar. 2019.
- RÓŻEWICZ, Tadeusz. *Proza 3 (Utwory zebrane)*. Wrocław: Wydawnictwo Dolnośląskie, 2004.
- RÓŻEWICZ, Tadeusz. *Pięć poematów*. Warszawa: Czytelnik, 1950.
- RÓŻEWICZ, Tadeusz. *Na powierzchni poematu i w środku: nowy wybór wierszy*. Warszawa: Czytelnik, 1983.
- RÓŻEWICZ, Tadeusz. *Zawsze fragment. Recycling*. Wrocław: Wydawnictwo Dolnośląskie, 1999.
- SIEWIERSKI, Henryk; SOUZA, Marcelo Paiva de (Org.). A moderna poesia da Polônia. *Poesia Sempre*, Rio de Janeiro, ano 15, n. 30, p. 42-49, 2008.
- ŚLIWIŃSKI, Piotr. Oczyszczenie. In: \_\_\_\_\_. *Horror poeticus: szkice, notatki*. Wrocław: Biuro Literackie, 2012.

Recebido em: 2 de agosto de 2018.  
Aprovado em: 26 de novembro de 2018.